



Costurando os retalhos: *Um beijo de colombina*, de Adriana Lisboa

João Paulo M. Dias*

A ficção brasileira contemporânea é marcada pela diversidade: mesmo que nenhum período histórico e literário seja totalmente homogêneo, a conjuntura atual se mostra mais heterogênea do que nunca. Tal pluralidade evidentemente marca a literatura brasileira recente, ainda que alguns pontos liguem as ficções produzidas no presente, aparecendo nos diferentes escritores, propositalmente ou não.

Em ensaio de 2003, Flávio Carneiro aponta algumas peculiaridades da literatura brasileira do final do século XX e início do XXI, como o retorno aos cenários rurais e às pequenas cidades, passando pelo reavivamento do narrador clássico e incursões por hibridismos e reescrituras. Nossa literatura se mostra, portanto, aberta a diversas picadas culturais e literárias que surgiram e surgem a todo o momento no cenário da escrita.

Essa multiplicidade vem ao encontro do termo pós-moderno, muito em voga no final do século passado e no começo deste, pois também abarca o diálogo entre as obras clássicas e as contemporâneas. Assim se explica que em livro de 2008 Beatriz Resende toque no aspecto aberto da literatura brasileira do século

* Mestre em Literatura Brasileira (UFRJ).

XXI ao focar a pluralidade dos movimentos e suas ligações com outros momentos históricos. Segundo a analista, as obras pós-modernas trazem à tona a relação entre tradição e inovação, conservação e renovação, cultura de massa e cultura clássica.

Tecendo a colcha

Não entrarei a fundo na questão da pós-modernidade, tampouco listarei características de “um suposto estilo de época”: o foco deste artigo é o romance *Um beijo de colombina* (2003), de Adriana Lisboa. É importante ressaltar, porém, que pós-moderno não deve ser visto ou entendido como o contrário do moderno (um antimodernismo ou contramodernismo), mas como visitação ao moderno (Moriconi, 1994).

Entre as diversas possibilidades apontadas por Carneiro na ficção contemporânea, uma em particular chama minha atenção na obra de Adriana: a reescritura. Carneiro, seguindo o pensamento de Moriconi, atenta para o cunho pós-moderno dessa característica:

A ficção pós-moderna não seria, portanto, uma ficção do contra, pautada pela negatividade modernista, mas, ao contrário, uma ficção guiada sobretudo pela reescritura – inclusive de textos modernistas (Carneiro: 2003, 61).

Um beijo de colombina é isso: uma visitação à obra de Manuel Bandeira. O livro conta a história de uma escritora que deseja compor um romance com reflexos de poemas do poeta modernista, mais especificamente de versos de *Estrela da vida inteira*. O narrador é seu namorado, angustiado por sua morte e cada vez mais mergulhado na vida e na obra do poeta. Adriana tece uma colcha

de retalhos entre sua narrativa e partes dos escritos de Bandeira. Bandeira exerce tamanha influência na construção narrativa de Adriana que, levada também pela vontade de homenagear¹ o poeta, a autora desenvolve sua narrativa baseada totalmente nos poemas.

Adriana constrói uma metaficção: escreve um romance sobre outro romance que deveria ser composto pela personagem Teresa. Isso lhe permite fazer várias referências à obra de Bandeira: através de nomes de capítulos, de falas de personagens e de locais em que o poeta viveu. Ao cruzar seu texto com um clássico como Bandeira, a autora pratica a reescritura, tendência que Damiana Maria de Carvalho também arrola como bastante presente em nosso tempo, ao afirmar que “o diálogo entre obras contemporâneas e obras clássicas – ou culturalmente estabelecidas – está consolidado como uma das principais vertentes da literatura contemporânea” (2005).

As muitas referências fazem pensar nas afirmações de Linda Hutcheon sobre a multiplicidade de locais, narrativas e visões diferentes, e como elas chegam até nós, leitores. Segundo a analista norte-americana, “a ficção pós-moderna manifesta certa introversão, um deslocamento autoconsciente na direção da forma do próprio ato de escrever” (1991, 168). Em *Um beijo de colombina*, a introversão e a análise do ato de escrever estão muito presentes: vê-se a construção de uma obra baseada numa personagem-escritora que cria um livro dentro de outro. Assim, três reescrituras partilham o espaço: a de Adriana, a de Teresa e a das duas em relação a Bandeira.

Os títulos dos capítulos remetem a versos de Bandeira e a própria personagem principal tem nome de poema: Teresa.

¹ A própria Adriana Lisboa afirmou em entrevista a Carlos Herculano Lopes: “Se eu tivesse de escolher o meu cânone, sem dúvida ele [Bandeira] estaria entre os primeiros nomes” (Lopes: 2004).

Assim, a escritora nos mostra o caminho que pretende seguir, deixando clara sua intenção e mantendo a presença dos poemas ao longo de todo o texto.

O processo de reescritura se deixa perceber já no primeiro capítulo, quando o narrador-personagem, namorado de Teresa, se apropria de alguns versos de Bandeira, às vezes lendo-os como poemas, outras vezes usando-os na fala, sem marca de citação. Exemplo dessa assimilação encontramos no seguinte trecho: “Talvez por causa do poema, em que meus olhos foram dar, depois que abri o livro casualmente na página 142, resolvi comer uma maçã. E repeti, lembro-me bem: *Dentro de ti, em pequenas pevides, palpita a vida prodigiosa, infinitamente*” (Lisboa: 2003, 14). É interessante perceber que a citação feita diretamente sempre é marcada em itálico; caso haja uma integração entre a fala do personagem e a poesia, as marcas gráficas são dispensadas: “A primeira vez que vi Teresa, reparei nas pernas. Achei estúpidas. Mais curioso ainda, achei que a cara parecia uma perna” (p. 16). Tais versos fazem parte do poema “Teresa”, que aparece integrado à narrativa ao longo de todo o romance. O leitor deve, então, estar atento à mistura que aparece no texto.

A interferência poética dos versos de Bandeira tem outra consequência bem significativa para a composição do romance: não somente os poemas, mas o próprio gênero poético acaba por surgir na narrativa. De forma que os dois aspectos narrativos se apresentam integrados, em dualidade, contaminando a prosa e carregando o texto de lirismo.

A distância temporal entre os dois autores e, consequentemente, os diferentes níveis de composição e observação também são levados em conta por Adriana. Pode-se dizer que há um diálogo no interior do romance, uma relação intertextual entre moderno e pós-moderno, conforme as palavras de Damiana Maria de Carvalho:

Esse fragmento da prosa de Lisboa, numa clara alusão ao Bandeira modernista – que, por sua vez, dialoga com o poema “O adeus de Teresa”, de Castro Alves –, apresenta o encontro entre duas épocas: moderno e pós-moderno em diálogo aberto (2005).

Esse “diálogo aberto” não só enriquece toda a narrativa, como ajuda a construir um traço interessante de intertextualidade, pois vai além do simples uso de outro texto ou da referência a outra ideia. Na verdade, duas visões criativas acabam por se encontrar, ainda que originárias de épocas diferentes.

Adriana não fica apenas na referência a textos: vê a própria cidade sob uma nova perspectiva, tanto na obra quanto na vida do poeta.

Além do texto: reescrituras físicas

A reescritura empreendida por Adriana equivale a uma espécie de antropofagia positiva.² A narrativa também se reescreve para fora do entrecho, aproveitando as várias alusões do poeta à cidade do Rio de Janeiro. Embora não se refiram a textos, essas ligações têm toda a pertinência, afinal dizem respeito ao local de composição da poesia de Bandeira. As revelações da cidade em que ele residiu, em especial da área onde viveu, vêm ao encontro da ideia da autora de permear o romance de nexos com o poeta.

No romance, a cidade física aparece de maneira diferente daquela mostrada pelo poeta. Em sua página na internet, a própria autora alude à sua intenção:

² Uso a expressão na acepção de Robert Stam, para quem “a noção de ‘antropofagia’ simplesmente reconhece a inevitabilidade da intertextualidade, para usar o termo de Kristeva, ou do ‘dialogismo’, para usar o de Bakhtin” (Stam: 2000, 55).

O cenário dessa jornada literária é o Rio de Janeiro. Não a cidade dos cartões-postais, das poesias e das telenovelas, mas o Rio mais simples dos bares e padarias de Vila Isabel, das travessias das barcas que levam a Niterói, das velhas ruas do Centro, dos engarrafamentos na Praça da Bandeira e da Cinelândia repleta de vendedores ambulantes de livros e discos usados e CDs falsificados (2003).

A reescritura física parte de uma cidade idealizada como cartão-postal e chega à situação atual, propondo um novo olhar sobre o que se considerava a Cidade Maravilhosa. Seguindo pelas ruas do Centro e proximidades, a narrativa reconstrói o itinerário do próprio Bandeira. É o que atesta Marcelo Moutinho, em sua resenha do romance: “As alusões são muitas: o nome de Teresa, o título da obra e de todos os seus capítulos, a Rua Moraes e Vale, onde o poeta morou” (2004).

Seguindo por esse mesmo caminho, é importante ressaltar que, ao descobrir que Teresa não estava morta, o narrador vai encontrá-la justamente na casa onde o poeta morou, intensificando a relação intertextual entre ficção e real, como observa o personagem-narrador: “Talvez alguma coisa a ver com seu novo romance. Ele morou aqui, Manuel Bandeira. Nesta rua. Acho que já te disse isso. E ela ia escrever sobre ele, acho que também já te disse isso”. E ainda: “Era ela. Que estava ali. Na rua de Manuel Bandeira. Uma mulher de um poema de Manuel Bandeira, com o nome de um poema de Manuel Bandeira” (pp. 124-5). Essas duas passagens comprovam o intento de ligar a ficção à realidade e reescrever (ou reobservar) a relação entre poeta, obra, local e romance.

Digna de nota é ainda a existência, em nota ao final do livro, da lista de textos de Bandeira usados para a composição do

romance, apresentados como fonte de inspiração. Essa atitude de Adriana talvez se deva ao fato de outros autores que se basearam em textos canônicos terem sido acusados de plágio. Os resenhistas valorizaram sua preocupação. Marcelo Moutinho destacou o cuidado da escritora, ao afirmar que os versos, “distribuídos em meio à prosa de Adriana, inserem-se perfeitamente na narrativa (sempre com o cuidado do uso do itálico)” (2004). Manuel da Costa Pinto também chama a atenção para o fato ao dizer que os versos “percorrem o livro ora de maneira explícita, ora assimilados às frases do narrador (ao final do volume há indicações dos textos que serviram como fonte)” (2003).

Considerações finais

Neste trabalho procurei mostrar certos aspectos que permeiam as obras literárias contemporâneas no Brasil, traçando alguns pontos que, partilhados pelos romances atuais, podem enriquecer os estudos sobre a ficção nacional de nosso tempo. A fortuna crítica das narrativas recentes ainda é pouco extensa, obrigando-nos a estender a pesquisa à internet. Ao me debruçar sobre o romance de Adriana Lisboa, percebi que a reescritura seria um foco de análise fecundo.

A partir daí, procurei apresentar as ligações entre *Um beijo de Colombina* e a obra de Bandeira. Tentei lançar luzes sobre o processo de construção dos nexos e, o mais importante, sobre o impacto desse aproveitamento no âmbito narrativo. Essa apreciação me possibilitou tecer algumas considerações sobre o romance em pauta.

Ao reler e integrar parte da obra de Bandeira, Adriana consegue construir uma narrativa cercada de lirismo, ao mesmo

tempo que refaz parcialmente a trajetória do poeta, seja através de versos usados, seja através de alusões ao Rio de Janeiro e seus personagens. Assim, consegue conjugar singularidade com exploração de uma das mais fecundas picadas contemporâneas: a canibalização do passado.

A ligação entre a poesia de Bandeira e a prosa de Adriana resultou numa narrativa das mais bonitas e bem construídas. A autora conseguiu demonstrar sua profunda admiração pelo poeta e, ao mesmo tempo, oferecer uma boa trama ao leitor.

Referências

- CARNEIRO, Flávio. “Mapeando a diferença: ficção brasileira hoje”. In: ROCHA, Fátima Cristina Dias (org.). *Literatura brasileira em foco*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003.
- CARVALHO, Damiana Maria de. “Reescritura: uma leitura de Lúcia, de Gustavo Bernardo”. *Dubito Ergo Sum*, 2005. Disponível em: <<http://paginas.terra.com.br/arte/dubitoergosum/arquivo98.htm#edn1>>. Acesso em 22 jul. 2008.
- HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Tradução de Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- LISBOA, Adriana. *Um beijo de colombina*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.
- LOPES, Carlos Herculano. “A ficção instigante de uma bela romancista”. *Jornal Estado de Minas*, 10 mar. 2004. Disponível em <http://www.adrianalisboa.com.br/resenha_aficcaoinstigantedeumabelaromancista.html>. Acesso em 20 jul. 2008.
- MORICONI, Italo. *A provocação pós-moderna: razão histórica e política da teoria hoje*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1994.
- MOUTINHO, Marcelo. “Um beijo de colombina: a beleza triste de um quase nada perdido na memória”. *Jornal do Brasil*, 21 abr. 2004. Disponível em <http://www.marcelomoutinho.com.br/resenhas/2007/04/um_beijo_de_colombina.php>. Acesso em 21 jul. 2008.
- PINTO, Manuel de Costa. “Afogamento às avessas”. *Folha de S. Paulo*, 20 mar. 2003. Disponível em <<http://www.adrianalisboa.com.br/resenha/afogamentoasavessas.html>>. Acesso em 21 jul. 2008.
- RESENDE, Beatriz. *Contemporâneos: expressões da literatura brasileira no século XXI*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2008.
- STAM, Robert. *Bakhtin: da teoria literária à cultura de massa*. São Paulo: Ática, 2000.

